



## **ESTABELECIMENTO DO NÍVEL SEMÂNTICO A PARTIR DA COESIVIDADE MORFOSSINTÁTICA: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA E TEXTUAL DA OBRA “CONFISSÕES DE UM VIRA-LATA”**

George Patrick do Nascimento

*Faculdade A Vez Do Mestre – AVM*

*geo.patrick@hotmail.com*

**RESUMO:** O presente trabalho discorre sobre os aspectos morfossintáticos e semânticos no discurso humano-animalesco do narrador personagem na obra infanto-juvenil *Confissões de um Vira-lata*, de autoria de Orígenes Lessa. O enfoque está relacionado com as manifestações de coerência e coesão a partir dos processos morfológicos, sintáticos e semânticos de palavras e expressões presentes no referido livro. O estudo será realizado a partir da descrição e amostragem de exemplos retirados da própria obra infanto-juvenil em questão, a fim de analisar as estruturas mórnicas, as situações textuais de produção escrita, a relevância e modificação semântica de nomes e verbos, bem como as construções frasais aparentemente incomuns, no que tange respeito a normatividade da língua portuguesa. O trabalho é de revisão de literatura, ou seja, utilizar-se-á das postulações de gramáticos e estudiosos da língua materna para o entendimento das implicações linguísticas a serem expostas e analisadas neste estudo. Como resultado, percebeu-se que muitos dos recursos estilísticos utilizados pelo autor Orígenes Lessa foram necessários para o estabelecimento da aceitabilidade e compreensão de sua produção literária, caracterizada como metafórica e figurativizada, uma vez que ela evidencia, subliminarmente, uma crítica a determinados valores sociais e cívicos dos seres humanos, tanto de uma época passada específica quanto atual.

**Palavras-chave:** Nível semântico, Coesividade morfossintática, Figurativização.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema principal discorrer sobre as construções semânticas e morfossintáticas no discurso humano-animalesco do narrador-personagem na obra infanto-juvenil *Confissões de um Vira-Lata*<sup>1</sup> (1975), de Orígenes Lessa. De modo a compreender os processos de coesão e de registros gramaticais necessários para a formulação significativa de enunciados linguísticos, readequados ao universo metafórico, próprios da obra em questão.

Neste sentido, o presente trabalho abre a discussão sobre o seguinte problema: Como ocorre a construção de enunciados, nos aspectos semânticos e morfossintáticos, para que seja possível a utilização expressiva e criativa dos recursos gramaticais que a língua portuguesa oferece na produção de textos na modalidade escrita?

Este estudo procura analisar a construção morfossintática de novos vocábulos e expressões nos enunciados que encadeiam todo o livro supracitado, a fim de entender a intencionalidade e a contextualidade das palavras e expressões criadas na formulação do campo significativo textual da prosa em questão. Bem como entender os processos semânticos de termos e expressões, referentes à metaforização do “mundo canino”, utilizados durante a obra.

O objetivo principal deste trabalho é analisar as construções linguístico-textuais dos enunciados metafóricos do narrador-personagem na obra já mencionada. Como objetivos específicos este artigo busca identificar os enunciados presentes na obra em análise que contêm palavras e frases contextualizadas e readequadas ao universo animalesco canino personificado. Procura examinar o processo de coesão e coerência, a partir do domínio morfossintático e semântico dos enunciados identificados, como maneira de estabelecer a figurativização do universo animalesco canino personificado. Objetiva também apresentar os aspectos de valência e polissemia do verbo defectivo “latir”, bem como averiguar, linguisticamente, determinadas palavras em seus processos de derivação e flexão para a formulação do nível semântico.

---

<sup>1</sup> Doravante CVL.



## **2. METODOLOGIA**

O presente artigo é caracterizado em pesquisa qualitativa e bibliográfica. Nessa abordagem buscou-se verificar determinados enunciados escritos presentes no livro em questão, por meio de esclarecimentos feitos a partir das postulações de estudiosos diversos sobre a língua portuguesa.

Na pesquisa qualitativa, compreende-se que a realidade é de caráter subjetivo e múltiplo, de modo que ela é construída diferencialmente por cada pessoa, e onde o pesquisador interage com o objeto pesquisado, a fim de estabelecer vínculos significativos entre as partes, por meio dos conhecimentos de mundo do investigador em sintonia com todo o processo e andamento da pesquisa. (CHUEKE & LIMA, 2012).

A pesquisa foi realizada a partir da listagem de exemplos retirados do próprio livro infanto-juvenil em questão, a fim de analisar as estruturas mórnicas, as situações textuais de produção escrita, a relevância e alteridade semântica e as construções oracionais aparentemente incomuns à gramática tradicional.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Na obra **CVL**, Orígenes Lessa faz um apelo (entre outras temáticas) ao comportamento humano, no que tange respeito às desigualdades sociais, por meio de um texto ficcional e metafórico sobre a vida de um cachorro e seus companheiros da mesma estirpe canina. Para tanto, ele utiliza-se de inúmeros discursos figurativizados para que o leitor possa inferir o real entendimento de sua crítica. Na verdade, a narrativa é direcionada ao público infanto-juvenil, mas o teor de sua mensagem transpassa essa faixa etária, podendo ser, hipoteticamente, uma obra destinada a impactar os leitores adultos.

Obras infanto-juvenis são produtoras e provocadoras de sentido. São textos agradáveis e que procuram transmitir alguma mensagem para o enriquecimento cultural e social (bem

como psicológico) de seus leitores, que são em sua maioria crianças e adolescentes. (SILVA, 2005).

Os enunciados do livro analisado são metafóricos. Assim, a maioria das sentenças que compõem a narrativa estão repletas de termos e expressões com significados diferentes do que as situações linguísticas normais de utilização dessas palavras. Dessa forma, por enunciado entendemos, de acordo com essa obra analisada, que trata-se de uma ou mais de uma sentença que possa causar efeitos de sentido por meio de processos discursivos e sociointerativos. (MARCUSCHI, 2008).

Claro que os signos e os aspectos morfossintáticos também possuem sua relevância no livro **CVL**, já que o autor utiliza-se de uma liberdade criativo-linguística para empregar novas palavras e expressões, bem como dar vários sentidos ao verbo latir (conforme veremos mais adiante). Essa liberdade criacional faz do seu texto uma produção única, em que podemos notar inúmeras frases metafóricas que irão se enquadrar (conforme este trabalho) nas seguintes categorias:

- **Recontextualização morfológica:** processos de derivação, composição e flexão de palavras que remetam ao mundo canino.
- **Recontextualização sintática:** averiguação das expressões fixas e da valência verbal do verbo latir que fomentam a fala do personagem animalesco.
- **Recontextualização semântica:** aspectos de polissemia do verbo latir, o qual muitas vezes acaba funcionando também como substantivo e adjetivo, entre outros vocábulos que integram as expressões fixas e as demais construções.

Entendida essas categorias, podemos elencar uma lista com as principais frases do livro que possuam uma recontextualização. De modo que encaixem ou relacionem o discurso humano implícito com um discurso canino figurativizado. Nos quadros a seguir, será apresentado uma lista com as sentenças presentes no livro que são da fala do personagem

animalesco, bem como as possíveis falas (próprias da linguagem humana) que serviram como base para a formulação do discurso figurativizado, mas que não estão explícitas na obra CVL.

<b>Quadro I: Recontextualização morfológica (processos de derivação, composição e flexão)</b>	
<b>Discurso canino (Explícito na obra)</b>	<b>Frases análogas</b>
“latíamos em segredo o nosso protesto”. (p. 35).	Falávamos em segredo o nosso protesto.
“cachorro-propaganda”. (p. 36).	Garoto-propaganda.
“um caso grave de canicídio”. (p. 55).	Um caso grave de homicídio.
“isso ajuda [...] a canilidade”. (p. 57).	Isso ajuda a humanidade.
“vi parar uma carroçona de gente”. (p. 61).	Vi parar um ônibus.

<b>Quadro II: Recontextualização sintática (expressões fixas e valência verbal)</b>	
<b>Discurso canino (Explícito na obra)</b>	<b>Frases análogas</b>
“um osso no gogó”. (p. 16).	Um nó na garganta.
“A luta pelo osso não é sopa”. (p. 16).	A luta pelo pão não é sopa
“Mas o que me fez perder a coleira”. (p. 18).	Mas o que me fez perder a cabeça.
“Não há resto de comida em lata de goiabada ou um prato desbeijado que pague essa humilhação”. (p. 22).	Não há dinheiro nesse mundo que pague essa humilhação.
“O homem é o maior amigo do cão”. (p. 26).	O cão é o maior amigo do homem.
“Me late a tua vida”. (p. 30).	Me conte a tua vida.
“Eu podia ficar [...] de língua de fora [...]?” (p. 55).	Eu podia ficar de braços cruzados?
“um cachorro de maus bofes”. (p. 56).	Um homem de maus bofes.
“É latindo que a gente se entende”. (p. 63).	É conversando que a gente se entende.
“quem late mais alto sou eu”. (p. 80).	Quem fala mais alto sou eu.
“Late melhor quem late por último”. (p. 80).	Rir melhor quem rir por último.
“Tá para nascer o cachorro que não me ceda o poste que eu exijo ou o osso que eu reclamo”. (p. 81).	Tá para nascer homem que não me obedeça.
“Pra mim ele latia, estava latido”. (p. 101).	Pra mim ele falava, estava falado.
“A canilidade é fraca”. (p. 102).	A carne é fraca.

<b>Quadro III: Recontextualização semântica (polissemia do verbo latir e outros vocábulos)</b>	
<b>Discurso canino (Explícito na obra)</b>	<b>Frases análogas</b>
“A ele, o meu latido mais cordial”. (p. 14).	A ele, o meu elogio mais cordial.
“Cachorro que me latisse a metade daquilo era um cachorro liquidado”. (p. 17).	Homem que me dissesse a metade daquilo era um homem liquidado.

“não vai dizer, dar nenhuma latidinha do que viu”. (p. 90).	Não vai dizer, dar nenhuma palavrinha do que viu.
“ao ver a turma latir horrores contra a humanidade”. (p. 24).	Ao ver a turma xingar horrores contra a humanidade.
“Minha tese foi latida por vários colegas, acabou sendo aceita”. (p. 25).	Minha tese foi defendida por vários colegas, acabou sendo aceita.
“ao longo do meu latir pela vida”. (p. 26).	Ao longo do meu andar pela vida.
“língua latida”. (p. 29).	Língua latina.
“No seu latido manso, de cachorro que muito viveu, ele me contou uma vez o seu caso”. (p. 33).	No seu falar manso, de homem que muito viveu, ele me contou uma vez o seu caso.
“não adianta latir uma nova hipocrisia...”. (p. 34).	Não adianta fingir uma nova hipocrisia.
“Talvez alguém que implicasse com o honesto latir do bom Sultão”. (p. 53).	Talvez alguém que implicasse com o honesto trabalho do bom Sultão.
“Dizem que coleira de mulher custa muito. Mulher usa coleira no dedo também”. (p. 60).	Dizem que colar de mulher custa muito. Mulher usa anel no dedo também.
“E eu percebi que eles estavam trocando latidos sinistros”. (p. 78).	E eu percebi que eles estavam trocando xingamentos sinistros.
“latida em versos ao luar”. (p. 80).	Declamada em versos ao luar.
“Aquele jeitinho de latir me enfeitiçava”. (p. 81).	Aquele jeitinho de sussurrar me enfeitiçava.
“latindo pra vocês minha longa jornada”. (p. 88).	Contando pra vocês minha longa jornada.
“Podem latir, que eu não me acanho”. (p. 88).	Podem perguntar, que eu não me acanho.
“Eu estou latindo muito sério, tá bem?”. (p. 90).	Eu estou falando muito sério, tá bem?
“Ainda lati, desesperado, procurando avisá-los”. (p. 91).	Ainda gritei, desesperado, procurando avisá-los.
“depois de latidos acalorados”. (p. 94).	Depois de aplausos acalorados.
“De conquistar o osso com bravura. De compartilhar o osso lealmente”. (p. 98).	De conquistar o pão com bravura. De compartilhar o osso lealmente.

Como demonstrado nesses quadros, nem sempre uma mesma frase irá pertencer unicamente a uma das três categorias aqui expostas, podendo existir correlação entre essas subclassificações. A exemplo da frase “Me late a tua vida” (LESSA, 2003, p. 30), em que o verbo “latir”, em aspectos sintáticos, além de permitir o uso do pronome proclítico “me”, o que é incomum para esse verbo no modo imperativo, também possui um sentido diferente do habitual, ou seja, não é o sinônimo de “ladrar” como consta nos dicionários e sim o sentido de “contar” ou “falar” (aspecto semântico).

É importante ressaltar também que, como já foi mencionado, as sentenças são

elaboradas de modo a criar um mundo fantasioso em que um cachorro observa e relata a vida dos humanos, bem como a de outros cachorros. Por isso que o autor usou de um mundo inventivo, mas que possuísse alguma verossimilhança e aceitabilidade, a partir da utilização de objetos comuns aos cachorros, como coleira, osso, carrocinha, entre outras coisas, como na frase: “Dizem que coleira de mulher custa muito. Mulher usa coleira no dedo também” (*Ibidem*, p. 60), em que a palavra “coleira” que é um objeto comum aos cachorros é comparável aos acessórios femininos, neste caso designando, respectivamente, os vocábulos “colar” e “anel”.

Segundo Câmara Júnior (2011, p. 82) “para cada vocábulo, há sempre a possibilidade, ou a existência potencial, de uma derivação”, e é isso o que acontece em **CVL**. Lessa realmente cria novas palavras, principalmente pela derivação, as quais não são dicionarizadas, mas que o leitor consegue capturar o sentido esperado graças ao enredo do livro, e graças também ao acompanhamento sequencial dos acontecimentos narrados.

Nas palavras “canilidade” e “canicídio”, o autor utiliza-se, respectivamente, dos sufixos “-idade” e “-cídio” presentes nas palavras “humanidade” e “homicídio” para inventar novos vocábulos que possuam proximidade semântica. Uma vez que há um certo tipo de metaforização quando o autor muda apenas os radicais “canil” e “homem”, ou seja, ele acaba passando a ideia que ambos os seres (homem e cão) são seres vivos que precisam ser preservados em sua integridade biológica.

Se nestes casos ele aproveitou de um material morfológico próprio de vocábulos que remetessem ao mundo humano (*humanidade* e *homicídio*), na palavra “carroçona” o autor fez o processo contrário, no sentido de pegar um termo que faz alusão ao mundo canino “carrocinha” trocando o sufixo “-inha” por “-ona” para se referir não ao transporte que leva os cães e sim ao transporte que locomove pessoas (ônibus).

A derivação não é a única escolha morfológica de Lessa para formar novos vocábulos. Na palavra “cachorro-propaganda” temos um caso de composição por justaposição, em que há



a união de duas palavras para formar uma única com significação própria.

Além disso, muitos são os trechos na obra de Orígenes Lessa que retratam também frases feitas, como maneira estilística de deixar o texto mais informal e agradável. Essas frases feitas, ou ditos populares, configuram-se como expressões fixas, conforme terminologia de Fulgêncio (2008), uma vez que remetem às construções frasais que são mais familiares ou fáceis de serem lembradas e produzidas do que simplesmente a utilização de palavras soltas ou orações novas que não possuam estruturas que promovam a aceitabilidade de mensagens perante a ação leitora dos seus receptores.

A questão da coesividade aqui transmitida refere-se ao modo como as expressões fixas foram readequadas ao universo imaginativo da obra, graças a alteração proposital de determinadas palavras (próprias das expressões fixas originais) por termos que façam alusão ou remetam ao mundo canino.

Essa ação vai ser possível graças ao léxico real, que é o conjunto de palavras já existentes em uma língua (BASÍLIO, 2006), e nas quais Orígenes Lessa vai buscar na sua própria memória para a caracterização do mundo canino, a fim de que ele possa modificar as expressões fixas que irá trabalhar em CVL.

O léxico virtual, por sua vez, são os termos (afixos e similares) que determinada palavra permite de ser recebida para a construção de novos vocábulos (BASÍLIO, *op. cit.*). Assim, sabendo que existe a palavra “homicídio” para representar o assassinato de um ser humano, Orígenes Lessa se apodera de uma parte desse material morfológico para criar a palavra “canicídio”, também com o mesmo sentido de assassinato, só que agora de um animal da raça canina. É possível inferir também que o léxico virtual está relacionado não apenas aos afixos, uma vez que quando trabalhamos com expressões fixas, o que se manifesta no estilo de Lessa é a substituição de determinado componente vocabular por outro dentro de uma mesma expressão. Antes de mais nada, devemos entender que as expressões fixas existentes podem ser consideradas, de certa forma, como frases prontas de um léxico real.



Assim, as expressões fixas são expressões preferidas por um grupo de indivíduos de uma mesma cultura ou de uma mesma língua (FULGÊNCIO, 2008). E que, neste caso, são reformuladas por Lessa a fim de estilizar a sua produção infanto-juvenil. Por exemplo, na expressão “um osso no gogó”, em que no texto possui o mesmo sentido de “um nó na garganta”, o autor pega os vocábulos “osso” e “gogó”, que também pertencem ao léxico real assim como “nó” e “garganta”, e faz a substituição necessária para tornar a expressão fixa (de ordem sintática) coerente no que tange respeito ao mundo imaginativo da obra **CVL**. O mesmo processo acontece, por exemplo, na expressão “perder a coleira” (perder a cabeça), “ficar de língua de fora” (ficar de braços cruzados), e nos demais exemplos já vistos no Quadro II.

Outro ponto a ser mencionado é o fato de o verbo “latir” ser um dos principais verbos a ser utilizado em **CVL**, não exatamente pela quantidade de orações em que aparece durante o texto, mas pela notória relevância que ele causa em muitos enunciados. Sua utilidade é tão corriqueira, que ele chega muitas vezes a ser empregado no lugar de outros verbos, adquirindo para si o sentido destes, ou até mesmo abarcando para si conceitos não verbais quando comparado com certos nomes. Como evidenciado nos quadros a seguir:

<b>Quadro IV: Polissemia verbal do vocábulo “latir” na obra <i>Confissões de um Vira-lata</i></b>	
<b>“Latir” com o sentido de:</b>	<b>Exemplo</b>
Falar	“quem <i>late</i> mais alto sou eu”. (p. 80).
Contar, narrar	“Me <i>late</i> a tua vida” (p. 30).
Conversar	“É <i>latindo</i> que a gente se entende”. (p. 63).
Rir	“ <i>Late</i> melhor quem <i>late</i> por último”. (p. 80).
Dizer	“Cachorro que me <i>latisse</i> a metade daquilo era um cachorro liquidado”. (p. 17).
Xingar	“ao ver a turma <i>latir</i> horrores contra a humanidade”. (p. 24).
Defender	“Minha tese foi <i>latida</i> por vários colegas, acabou sendo aceita”. (p. 25).
Fingir	“não adianta <i>latir</i> uma nova hipocrisia...”. (p. 34).
Declamar, recitar	“ <i>latida</i> em versos ao luar”. (p. 80).

Sussurrar	“Aquele jeitinho de <i>latir</i> me enfeitiçava”. (p. 81).
Perguntar	“Podem <i>latir</i> , que eu não me acanho”. (p. 88).
Gritar	“Ainda <i>lati</i> , desesperado, procurando avisá-los”. (p. 91).

<b>Quadro V: Polissemia substantiva do vocábulo “latir” na obra <i>Confissões de um Vira-lata</i></b>	
<b>“Latir” como sinônimo nominal de:</b>	<b>Exemplo</b>
Elogio	“A ele, o meu <i>latido</i> mais cordial”. (p. 14).
Palavra	“não vai dizer, dar nenhuma <i>latidinha</i> do que viu”. (p. 90).
Trabalho	“Talvez alguém que implicasse com o honesto <i>latir</i> do bom Sultão”. (p. 53).
Xingamentos	“E eu percebi que eles estavam trocando <i>latidos</i> sinistros”. (p. 78).
Aplausos	“depois de <i>latidos</i> acalorados”. (p. 94).

O verbo *latir* é tido como verbo intransitivo, portanto ele pode aparecer em construções do tipo intransitiva. Essa é uma das suas principais valências. Por valência devemos considerar as construções em que determinado verbo pode ocorrer (PERINI, 2010). Assim na frase:

“Pra mim ele *latia*, estava *latido*”. (LESSA, 2003, p. 101).

A oração “ele *latia*” configura-se como uma construção intransitiva, formada por um sintagma nominal com função de Sujeito Agente e um verbo que não necessita de complemento (verbo intransitivo).

Porém, na frase “Me *late* a tua vida” (*Ibidem*, p. 30) temos um caso em que o verbo *latir* não é intransitivo. Ele aqui está com o sentido de “contar”, “narrar”, ou seja, trata-se, neste caso, de uma construção transitiva, com o efeito do processo de polissemia.

Polissemia é um “fenômeno semântico em que uma mesma palavra tem dois ou mais significados inter-relacionados, podendo, portanto, ocorrer em contextos diferentes”. (OLIVEIRA, 2012, p. 19). Na obra **CVL**, o autor cria seus contextos e suas tramas

discursivas e usa essa polissemia do verbo latir, que também é criada por ele mesmo, para tornar seu texto coerente com a temática imaginativa, ou seja, com a temática fabulosa em que um ser animal é parcialmente caracterizado como um ser humano.

Os exemplos apresentados não são próprios do verbo em questão. Tanto a polissemia verbal quanto nominal só foi possível graças ao aspecto figurativo que o autor utilizou em cima do verbo latir, a fim de elaborar sua produção ficcional. Do mesmo modo ele (o verbo latir) que é um verbo intransitivo e que deveria aparecer normalmente em construções intransitivas, acaba também ocorrendo em construções diferentes desta mencionada, por causa do seu caráter figurativo no livro em análise.

#### **4. CONCLUSÕES**

Este trabalho partiu da problematização sobre como ocorre a construção de enunciados, nos aspectos semânticos e morfossintáticos, para que a utilização expressiva e criativa dos recursos gramaticais da língua portuguesa permitisse a escrita de textos infanto-juvenis.

Para tanto, evidenciou-se situações frasais repletas de recontextualizações pertinentes ao texto infantil **CVL**, sejam elas de ordem morfológica, sintática ou semântica. Mostrando, inclusive, como as expressões fixas favorecem a coerência do texto, o qual é estruturado coesivamente por meio de material e processos morfológicos provenientes do léxico real e do léxico virtual.

Verificou-se ainda a utilização e flexão do verbo “latir” como maneira de figurativização do texto, seja sendo usado como substantivo, adjetivo e significados verbais diferentes da sua natureza verbal.

Dessa forma, conclui-se que os objetivos desse trabalho foram alcançados, uma vez que a coerência e a coesão morfossintática e semântica dos enunciados evidenciados mostraram-se fundamentais para a figurativização do discurso animalesco na obra **CVL**.



## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 44. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CHUEKE, Gabriel Vouga; LIMA, Manolita Correia. Pesquisa Qualitativa: evolução e critérios. **Revista Espaço Acadêmico**, nº.128, jan. 2012. Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <[www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/12974/8511](http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/12974/8511)>. Acesso em: 17 nov. 2013.

FULGÊNCIO, Lúcia. **Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro**. Belo Horizonte: tese de doutorado, PUC-Minas, 2008.

LESSA, Orígenes. **Confissões de um vira-lata**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Manual de semântica**. Petrópolis: Vozes, 2012.

PERINI, Mário A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

SILVA, Maurício. O lúdico e o pedagógico: contornos da Literatura Infato-Juvenil. In: **Leitura: Teoria e Prática**. Ano 23, n. 44, mar. 2005. Campinas: ALB; São Paulo: Global, 2005.